

# A CRIAÇÃO DO MUNDO SEGUNDO MARTINÈS DE PASQUALLY: O TRATADO SOBRE A REINTEGRAÇÃO DOS SERES

The creation of the world according to Martinès de Pasqually: the Treatise on the Reintegration of Beings

*Vítor Rosa \**

**Resumo:** No “Traité sur la Réintégration”, Martinès de Pasqually (1727-1774), um enigmático teúrgico do século XVIII, explica como o Eterno “operou” para colocar em marcha a Criação do mundo e dos seres. O título indica que os seres criados na origem não se encontram mais na sua primeira condição e que eles devem se reintegrar, isto é, de encontrar a sua propriedade, virtude e força primitivas. Quem são esses seres? Qual é o seu papel e o lugar do Homem em relação a eles? É isso que vamos analisar neste artigo e tentar compreender o pensamento e a obra de Martinès.

**Palavras-chave:** Tratado, Criação, Reintegração.

**Abstract:** In the “Traité sur la Réintégration”, Martinès de Pasqually (1727-1774), an enigmatic theurgic of the 18th century, explains how the Eternal “worked” to set in motion the Creation of the world and of beings. The title indicates that beings created at the origin were not chosen, but in their first condition and that they must reintegrate, that is, to find their property, virtue and primitive strength. Who are these beings? What is your role and the place of Man in relation to them? That is what we are going to analyze in this article and try to understand Martinès's thought and work.

**Keywords:** Treaty, Creation, Reintegration.

\* Investigador Associado do Centro de Investigação em Cosm visões e Mundividências Espirituais e Religiosas (CICMER).

## Introdução

Quem somos e qual é o nosso lugar no universo? Qual é a origem da Criação e qual é o seu objetivo? Estas questões essenciais estão no inconsciente dos homens desde a noite dos tempos. Em todas as épocas, eles tentaram encontrar as respostas. Alguns procuraram nos Textos sagrados das religiões. Outros, preferem analisar objetivamente os factos, e voltaram-se para as ciências para tentar compreender como o universo e o Homem nasceram. Quanto aos Iniciados, eles sempre esconderam o conhecimento que dizem possuir sobre estes assuntos, e é sob a forma de símbolos e de mitos que eles os revelam aos seus discípulos, depois de serem devidamente preparados. Deixemos um dos mestres do passado, Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), nos esclarecer sobre este ponto: “se o homem conservou a sua pureza na sua primeira origem, a iniciação nunca foi o lugar para ele, e a Verdade se oferece ainda sob um véu aos seus olhos, dado que ele nasceu para a contemplar e para lhe render uma contínua homenagem” (*Ordre Martiniste Traditionnel, Manuscrit 7*, 2020, p. 2).

Para Jean-Baptiste Willermoz, o conhecimento que diz respeito aos mistérios da Criação só pode ser transmitido pela iniciação. Este conhecimento está ligado diretamente com as origens do Homem e foi mantido secreto porque é incompreensível ao comum dos mortais. A tradição judaico-cristã manifesta na “Génese” a história da criação do mundo e de Adão. Um estudo esotérico deste texto pode nos ensinar muito sobre a origem do universo e do ser humano. Mas, para avançar neste estudo, é preciso adquirir alguns conhecimentos que os mestres transmitiram sobre este assunto.

Neste artigo, iremos abordar o *Traité sur la Réintégration des êtres dans leurs primitives propriétés, vertus et puissances spirituelles divines* de Martinès de Pasqually (1727-1774), um enigmático teúrgico do século XVIII. Qual o interesse por esta personagem? Ele teve um papel fundamental e a sua obra ultrapassa a de muitos

dos seus contemporâneos (Nahon, 2011, 2018). Ele ousou promover uma ordem teúrgica no meio maçónico no século das luzes e continua a ser uma fonte inspiradora de movimentos espiritualistas da época atual.

### **Martinès de Pasqually**

Encontramos diferentes grafias do seu nome: Pasquallys, Pasqualy, Pasqually, Pasquali, Pasqualli, Pasqualis, Pasquallis, Paskualis, Pascualy, Pasqualles, Paschalis, Pasqualiz, Pasqualés, Pasqual, Paschal, Pascoualy, Pascal, Pascoal Martins. Isso não tem muita importância. Os nomes, no século XVIII, quando eram um pouco difíceis ou estrangeiros, eram estropiados (Nahon, 2011).

Martinès também desfigura o seu nome. Sabe-se que utilizou o nome de Jacques de Lioron. O seu nome é completado por um segundo, Joachim, que figura numa carta-patente maçónica de 1738. Depois é seguido de um nome afrancesado, Martin Paschal. Ele próprio assina Martines. Para aumentar a idiossincrasia, escreve com uma ortografia diferente: Martinets ou Pasquallis. Quando está em São-Domingos (atual Haiti), utiliza o nome “de Pasqually de la Tour”. Por vezes, não hesita em utilizar todos estes nomes, utilizando “nobre Jacques de Lioron de la Tour de la Case Joachim Don Martines de Pasqually” (Baader, 1900; Nahon, 2011).

Apesar de ainda ser obscura, a obra de Martinès de Pasqually é cada vez mais popular e apreciada por especialistas de diferentes áreas e amadores. A história da sua vida foi, durante muito tempo, um mistério total e, em certa medida, ainda estamos expostos pela escassez de informação. Apaixonados pelo tema, muitos investigadores começaram há várias décadas a trazer algumas luzes sobre este amigo da sabedoria, ainda mais “desconhecido” do que o seu discípulo, Louis-Claude de Saint-Martin (1728-1803) (Rosa, 2021).

Foi na segunda metade do século XVIII que, o singular e enigmático, Martinès de Pasqually introduziu nas Lojas maçónicas francesas, um rito

teúrgico, onde o teúrgico, por meio de atos cerimoniais e uso de símbolos apropriados, se coloca em relação com os planos superiores. A adesão a este movimento exige um rigor moral e uma disciplina física:

O iniciado é um homem austero, cujas palavras, pensamentos e atos refletem a paz profunda, a Pax Profunda que os Anjos anunciaram aos homens de boa vontade. Não é possível encontrá-lo, a não ser que seja um seu igual. Recolhe-se no centro de si próprio, está onde não está, morre ou vive conforme queira e também ele está guardado pela mão poderosa do Único, que preside aos destinos do mundo (Telmo, 2013, p. 13).

Este taumaturgo chega a Bordéus com a idade de trinta e cinco anos e consegue implementar um rito insólito e difícil, e a expandir-se em algumas cidades francesas e nos departamentos e territórios ultramarinos da França. Dez anos mais tarde, deixa os cais do rio Garona em direção de São-Domingos para reclamar uma herança, com a intenção de regressar em França. Mas, vítima de uma doença, vai sucumbir em terras longínquas.

A sua “Escola” tem um nome: “Ordre des Chevaliers Maçons Élus Coëns<sup>1</sup> de l’Univers” (Ordem dos Cavaleiros Eleitos Sacerdotes do Universo). Podia ter sido esquecida e desaparecido com o falecimento do seu fundador, em 1774. Não foi o caso! Ainda, atualmente, diversos movimentos maçônicos, martinistas, rosacruz, teúrgicos e mesmo Eleitos Coëns se reivindicam herdeiros de Martinès, inspirando-se das suas ideias e do seu rito. Os investigadores tentam encontrar a integralidade dos textos fundadores, dos rituais, da correspondência e de todos os documentos completando ou esclarecendo os trabalhos desta Ordem e da sua vida. À medida que as descobertas são feitas, Martinès revela ser uma fonte de inspiração de movimentos iniciáticos atuais (Papus, 1899, 1988; Rosa, 2021).

Bordéus, capital e a maior cidade do departamento da Gironda e da região Nova Aquitânia, no sudoeste de França, é, até ao presente, onde os traços

---

<sup>1</sup> Na Ordem também se escrevia “cohen(s)” e “coen” sem o trema. Nesta obra, utilizamos a transcrição mais frequente: coëns. Coën, em hebraico, significa sacerdote. Segundo Courts (2019, p.21), o significado de coën como sendo sacerdote judeu, e que continua a ser propagado nos meios martinistas, é errada. Na página 181, das *Leçons de Lyon aux Élus Coëns*, relativamente às instruções de Willermoz em 1775, a palavra coën é definida como “a incorporação do ser espiritual, ou a sua junção com o princípio corporal da sua forma”. Na página 183, a palavra coën é definida como “adepto da sabedoria” (Amadou, 2017).

mais claros da sua passagem foram encontrados. As descobertas dos arquivos e documentos são recentes e os mais antigos remontam ao fim do século XVIII.

Adolfo Franck (1809-1893), professor de filosofia, publica, em 1862, uma obra que contempla alguns elementos biográficos sobre Martinès, mas contém várias apreciações erradas. Gérard Encausse (1856-1916), fundador de um movimento martinista, publica sob o nome de Papus, a primeira biografia de Martinès em 1895, graças à descoberta de documentos de um Eleito Coën, Jean-Baptiste Willermoz<sup>2</sup> (1730-1824), bem conhecido no meio maçónico, em particular do Regime Escocês Retificado (RER). Intitulado *Martinès de Pasqually*, neste livro Papus publica os rituais, os catecismos<sup>3</sup> e alguma correspondência do mestre da Ordem dos Eleitos Coëns e de certos adeptos. Apesar das pesquisas do autor, a parte biográfica apresentada é bastante sucinta (Nahon, 2011, 2018).

Quatro anos mais tarde, em 1899, surge a única obra, inacabada, de Martinès, intitulada: *Traité de la réintégration des êtres dans leurs primitives propriétés, vertus et puissances spirituelles divines*<sup>4</sup>. Desde 1772, data da partida de Martinès para São-Domingos, este Tratado circulou sob a forma de manuscrito, que se transmitia aos Eleitos Coëns e aos seus iniciados. Só alguns raros exemplares completos foram até hoje encontrados, com algumas variantes, assim como um certo número de excertos. A obra de Martinès

Segue uma técnica de exegese simbólica, lendo as letras e as palavras por dentro, isto é, o significado, ora intrínseco (em que uma letra é uma palavra) ora relativo (o contexto das letras) ora textual (a relação de umas palavras com as outras) (Gomes, 2009, p. 677).

Depois de Papus, outros ensaios bibliográficos foram publicados, como os de Gérard Van Rijnberk (1875-1953), de Albéric Thomas (1886-1914)<sup>5</sup> ou

---

<sup>2</sup> Os fundos documentais de Jean-Baptiste Willermoz foram adquiridos pela Biblioteca Municipal de Lyon em 1934 e a partir de 1956 passaram a ser consultáveis na “sala dos fundos antigos”. Muitos manuscritos foram microfilmados e são consultáveis dessa forma. Ainda não foram sujeitos a digitalização, por forma a serem consultados *online*. De acordo com a pesquisa “Coëns”, surgem as cotas Ms5474 (Estatutos gerais da maçonaria e dos cavaleiros eleitos coëns), Ms 5907 (Eleitos-coëns – catecismo do aprendiz Comendador do Oriente *Réau-Croix* – 6.º grau dos eleitos coëns) e Ms 5940 (As preces dos graus originais (dos Eleitos-Coëns).

<sup>3</sup> Instruções a conhecer de cor sobre os princípios que regem a Ordem de Martinès.

<sup>4</sup> Há uma tradução portuguesa (Lisboa, 1979). No Tratado terá sido escrito pelos discípulos, segundo as exposições orais de Martinès.

<sup>5</sup> Com o nome de “Chevalier de la Rose Croissante” publica uma “Nouvelle notice historique sur le martinésisme et le martinisme”, mais completa do que a obra de Franz von Baader (1900). Rijnberk (1938, p. 5) indica que o “Chevalier de la Rose Croissante” é o conde René Philippon, mas não apresenta provas dessa afirmação.

de Renée de Brimont (1880-1943)<sup>6</sup>. Outros estudos vão surgindo, mas apenas sublinham a falta de informações sobre este homem e os enigmas da sua vida. Os textos atuais evidenciam que os primeiros autores do século XIX, que se interessaram por Martinès, estavam – como eles próprios confessam – mal informados. Autores de teses de doutoramento foram também tentados a repetir o que os outros tinham escrito antes deles.

Martinès teve mais de uma centena de adeptos, que foram repertoriados, e muitos continuam desconhecidos. Alguns deixaram escritos, documentos, correspondências e mesmo livros, como Louis-Claude de Saint-Martin, Pierre Fournié (1738-1825) ou Jean-Baptiste Willermoz. Eles perduraram o seu rito, tal e qual ou transformado ou ainda integrado em novos movimentos maçónicos ou martinistas. Nenhum dá elementos biográficos do mestre dos Eleitos Coëns. Alguns viveram na sua casa e nada revelaram sobre ele. É estranho que tenham aderido a um movimento sem nada saber sobre o seu fundador.

Se no século XVIII outros personagens, como o conde de Cagliostro (1743-1795), iniciado na Maçonaria em Londres em 1777, e que frequentou Lojas na Holanda, Alemanha, Polónia, Rússia, França, etc., ou o conde de Saint-Germain (1696-1784), mestre ocultista, percorreram a França, assim como uma parte da Europa, e o seu itinerário foi reconstituído, não se passa o mesmo para Martinès. Somente para um curto período da sua vida. Se a hipótese de Martinès ser de nacionalidade portuguesa é alvitrada, em Portugal, daquilo que conhecemos, não existem pesquisas históricas sobre a sua vida<sup>7</sup>.

O projeto de Martinès foi o de criar uma Ordem, à qual ele vai dar o nome “Ordre des Chevaliers Maçons Élus Coëns de l’Univers”<sup>8</sup>. É um projeto ambicioso, na medida em que é uma sociedade de homens e de mulheres ligados(as) por compromissos e motivos para o mesmo fim. Ele não está em oposição com a religião católica romana, até porque Martinès fez prova do seu catolicismo:

<sup>6</sup> Escreveu uma vida romanceada de Martinès, publicada em 1931, nas Edições “Cahiers libres” sob o título *Belle Rose*, que contém elementos exatos. Renée de Brimont fez pesquisas nos arquivos departamentais da Gironde e nos arquivos familiares.

<sup>7</sup> Em 2021, encetámos uma pesquisa junto dos Arquivos Históricos da Marinha e do Arquivo Histórico Ultramarino, mas não encontramos nenhuma informação sobre uma possível deslocação de Martinès a Timor.

<sup>8</sup> Inicialmente vai chamar-lhe “Ordre des Élus Coëns de Josué”. Segundo Baader (1900, p. XX), Josué é o título distintivo da Loja militar do regimento de Infantaria *Foix*, fundada em Bordéus em 1765. De referir também que o nome Josué tem origem a partir do hebraico *Jehoshua*, que significa “Deus é salvação”.

Eu atesto que M. Jacques Pasqually de Latour, noviço nativo de Grenoble, com a idade de 45 anos, de estatura média, cabelos pretos, uso de peruca, professa a religião católica apostólica romana, o qual deseja embarcar no navio Duc de Duras, Capitão [Pierre] Duguats, para ir a São-Domingos. Bordéus, 29 de abril de 1772. Assinado: Despasqually Delataour<sup>9</sup>.

Martinès solicita aos seus adeptos de se conduzirem como bons católicos e caminhar na senda da Sabedoria divina. Pela originalidade da leitura que faz da Bíblia, consegue mesmo suscitar em alguns deles de religião protestante a vontade de se converterem. Para Martinès, Deus é um, mas a sua essência é quaternária. Ele denuncia o dogma da Santíssima Trindade, mas vê em Deus três modalidades de expressão: pensamento, vontade e ação.

É o Homem que cria os seus Deuses e é ele que os faz perdurar. O quadro teórico do movimento e da Ordem de Martinès assenta numa leitura diferente do livro de Deus (Bíblia). Isso não é novo, dado que a etimologia da palavra “religião” é muitas vezes contestada, e existem múltiplas definições de religião (Coutinho, 2012). Ora se associa ao verbo latim “religare”, religar, estabelecer uma relação com a divindade, que passa, muitas vezes, pela dependência relativamente aos responsáveis religiosos, ora a uma forma do verbo “religere”, reler, fazer uma nova leitura dos textos sagrados, levando a uma análise e a uma reflexão pessoal e a uma compreensão diferente dos textos bíblicos. A primeira etimologia (*religare*) solicita o plano afetivo, a segunda (*religere*) o intelecto.

Martinès harmoniza estas duas formas de aproximação, o que explica o interesse que as suas ideias suscitaram e ainda suscitam. Não só ele não é rejeitado pela igreja católica, como provoca conversões de protestantes (Nahon, 2011).

### **O Tratado da Reintegração dos Seres e o ensinamento de Martinès**

Qual é o ensinamento de Martinès? Ele propõe a cada um dos seus membros de se regenerarem, dado que o homem se encontra em erro em múltiplos planos, assim como na sua higiene de vida (pensamentos, projetos, atos, etc.), porque se esqueceu da intenção pela qual Deus o criou. Deus é “um”

---

<sup>9</sup> Cf. Certificado de Catolicidade, Amirauté de Guyenne, Registo de passageiros, 6 B 54, folha 65, Arquivos Departamentais da Gironda.

e é uma ilusão haver dois. Não há dois Cristos. É o crucificado que foi ressuscitado. E não é só um, mas é a “única coisa real”. Sem ele, não nos poderíamos mexer e existir, como diz o abade Pierre Fournié (1738-1825) (Faivre, 1967a; Faivre, 1967b; Guéniot, 2020), discípulo e secretário de Martinès. A regeneração é lenta e progressiva, morremos por “degraus” do nosso nascimento da vida de Satã; nascemos “homens-demónios” e deveremos renascer, progressivamente, “homens-Deus”. Martinès ensina um método de chegar a uma regeneração. Progredindo no seu trabalho, o discípulo deixa a condição de homem normal, o do homem “torrente”, que se deixa levar pela vida sem refletir, sem a distância com os eventos para os analisar e os compreender. Ele torna-se o “homem desejo”<sup>10</sup>, o homem que procura compreender pela qual Deus o criou e que procura a reconciliação e a reintegração no projeto inicial divino. Ele deseja tomar o lugar que Deus quis para ele e que o homem perdeu por orgulho, querendo criar também, imitando o seu criador. Assim, deve esforçar-se por ter um trabalho diário de preces, de ascese e de vida reta, de receber uma resposta do divino que o reconhece, o escolhe e o elege. O homem de desejo torna-se um homem de desejo de Deus, o homem predileto. Ele contribui para a reintegração de todos os seres que caíram com ele na Queda (a religião chama “pecado original”). Só assim fazem parte verdadeiramente parte dos eleitos, dos Eleitos Coëns, os sacerdotes eleitos para consagrados ao culto divino. É recebido então no grau mais elevado da Ordem, o de *Réau-Croix*. Só eles têm a qualidade para receber a teoria e a prática do culto teúrgico na sua integralidade.

---

<sup>10</sup> Esta expressão, “homem de desejo”, figura muitas vezes no *corpus* geral do martinismo. Louis-Claude de Saint-Martin escreveu uma obra com este título. Martinès também a utiliza com frequência. A sua origem é bíblica e apresenta várias variantes.



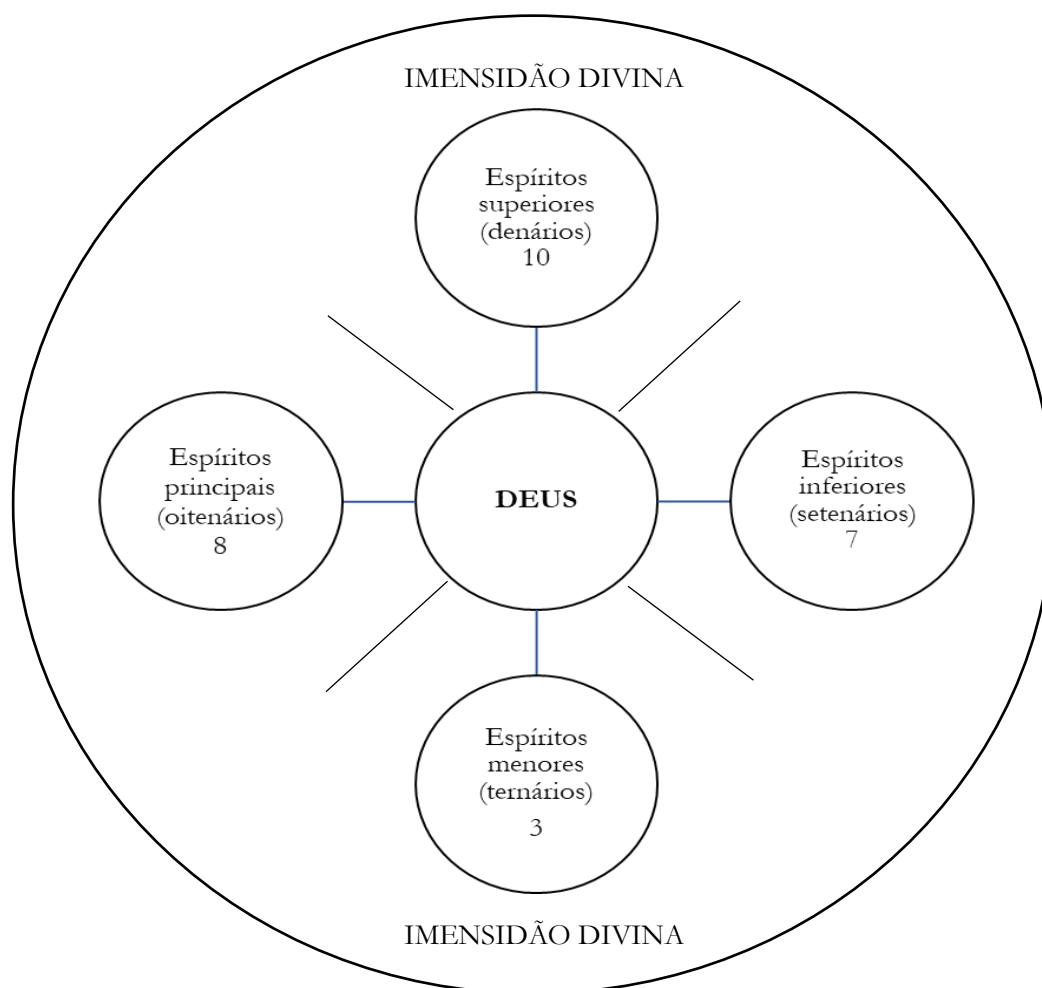


Figura 1: Quadro da essência divina, como é descrito no *Traité sur la Réintégration*<sup>11</sup>

Martinès apresenta uma lista dos profetas escolhidos para manter o verdadeiro culto no âmbito dos homens: Hély (e não Elias), Enoque, Melquisedeque, Ur, Hiram, Elias e o Cristo (o Messias). Uma outra lista compreende: Abraão (por vezes, Adão e Abel), Enoque, Noé, Melquisedeque, Josué, Moisés, David, Salomão, Zorobabel e o Messias (Amadou, 2016). Hély, para Martinès e os Eleitos Coëns, é o Cristo, inseparável do espírito, um ser pensante, o novo Adão.

<sup>11</sup> Os números assumem uma grande importância para Martinès: 1: Unidade, primeiro princípio de todo o ser, tanto espiritual como temporal, pertencendo ao Criador divino; 2: Número de confusão, pertencendo à mulher; 3: Número que pertence à terra e ao homem; 4: quádrupla essência divina; 5: Espírito demoníaco; 6: Operações diárias; 7: Espírito Santo, que pertence aos espíritos setenários; 8: Duplo espírito, pertencendo a Cristo; 9: Demoníaco, que pertence à matéria; 10: Número divino.

Como é que um discípulo sabe quando faz parte dos eleitos? Durante os rituais de operações<sup>12</sup> teúrgicas, o discípulo apercebe-se de uma manifestação dos espíritos intermédios entre o homem e o divino, que se dirigem a ele, de acordo com uma manifestação personalizada. Para uns, poderá ser uma luz ou um desenho simbólico, para outros poderá ser um ligeiro contacto ou uma sensação de emoção. Martinès designa por “passe” este momento de percepção e de receção provocado pela “Coisa”, que ele não pode designar de outra forma porque é o desconhecido que se manifesta e revela que o discípulo se encontra no caminho da reconciliação com o Criador. Martinès não sabe indicar a razão deste nome, e não consta no seu Tratado, mas sabe-se que até René Descartes (1596-1650), o desconhecido de uma equação era chamado de coisa, ou seja, que só se poderia resolver ensaiando diversas operações.

No seu *Dictionnaire mytho-hermétique* (1758), Antoine-Joseph Pernety (1716-1796)<sup>13</sup>, beneditino maurista, alquimista e escritor, define a Coisa como a obra da pedra, e em alquimia a pedra era a matéria dos filósofos. Segundo Robert Amadou (2016), para Martinès a Coisa é uma ordem iniciática que ele funda e os Eleitos Coëns são os eleitos da coisa. Esta Ordem, e a sua progressão, tem por objetivo levar os seus membros ao motivo mesmo da sua existência. A Coisa é a sabedoria personificada e o espírito santo. Quando a Coisa se manifesta por efeitos luminosos, auditivos e tácteis, nas operações teúrgicas, ela cauciona e guia os coëns.

Como o ensinamento de Martinès desenvolve uma leitura esotérica da história, o trabalho dos Eleitos Coëns pertence a uma história secreta, cujos protagonistas são seres encobertos. Os coëns inspiram-se de Orígenes de Alexandria, numa esperança de elevar todos os espíritos.

O Tratado, que é um manual de ensinamento teórico secreto, abordando diversos assuntos, para obter a reconciliação com Deus, a Unidade primordial, de atingir a regeneração após a morte e a reintegração nas primeiras propriedades, virtudes e forças espirituais de Adão antes da Queda. Numa instrução secreta de 02 de março de 1787 é recomendada: “a leitura contínua

<sup>12</sup> É composta por desenhos, letras e hieróglifos específicos e a datas e horas dos trabalhos. É extremamente complexo. A obra de Georges Courts centrou-se nestes aspetos práticos do sistema de Martinès (ver nota de rodapé), pelo que remetemos para a leitura desse estudo.

<sup>13</sup> Conhecido por ter criado os *Illuministas de Avinhão*, Loja Maçónica, fundada em 1784. Comportava seis graus, professando as doutrinas de Emanuel Swedenborg (1688-1772) e de Guillaume Postel (1510-1581). As sessões tinham lugar no Castelo Mont-Thabor, em Bédarrides.

da Escritura, a leitura de cento e cinquenta vezes o tratado do Grande Sr. de Pasqually, e cópia de vinte ou trinta vezes o supracitado tratado” (Du Bourg, 1906, p. 502). Os textos bíblicos formam a trama e o fio condutor do Tratado, mas Martinès completa pela apresentação da criação divina antes do tempo e interpreta sobre um modo simbólico e analógico. Antes do tempo, Deus criou, “emanou”, diz ele, seres espirituais encarregados do culto divino e dotados de vontade própria (livre arbítrio), o que levou à queda de alguns deles que quiseram exercer o seu próprio poder de criação de forma egoísta. Deus criou, assim, a matéria, onde os aprisiona e lhes dá um guarda encarregado da sua resipiscência, um ser espiritual andrógino com poderes como os seus, Adão. Seduzido pelos seres rebeldes, este realiza, por sua vez, uma “operação”, mas trata-se de um ato de criação egoísta, transgredindo a lei divina, “prevaricando”. Segunda Queda. Adão, o homem-Deus, encontra-se também ele prisioneiro na matéria, que deverá espiritualizar se quiser regressar para o plano divino.

Conhecer a presente situação do homem, mas também o seu passado, é o objetivo que Martinès fixa para dar um sentido à vida dos Eleitos Coëns. Ele exorta o discípulo para a teurgia cerimonial, para a necessária reconciliação do homem e a reintegração universal. Esta teurgia é um ritual, graças ao qual o homem trabalha sobre o mundo angélico e, por consequência, sobre o mundo material e comunica com Deus.

A literatura ampara-se destes temas, e a ciência preocupa-se. Alguns autores, nomeadamente Amadou (2016, 2017), reconheceram as fontes deste Tratado, que é de difícil leitura e compreensão: a gnose, a cabala, o esoterismo cristão, a religião primitiva, a alquimia, etc. Martinès consultou diversas fontes, seguindo documentos, livros, os homens, os mestres e as iniciações que marcaram a sua vida. É uma obra particular porque ele soube criar um sistema original, com os seus próprios dons e os seus “poderes”, que os seus discípulos não colocaram em causa. Era vendida aos seus discípulos.

Atualmente, esta obra faz parte da leitura base dos martinistas.

## **Conclusão**

Para Martinès de Pasqually, Deus é o criador eterno. Ele é a fonte da vida e de todo o ser. Ele pensa, quer e age eternamente, dado que estas três

faculdades são indivisíveis nele e formam uma unidade perfeita. Ele opera continuamente para manifestar o seu desejo e a sua necessidade de criar. É, por esta razão, que é chamado de “Criador”. Os seus pensamentos são eles mesmos criadores e são manifestados desde a origem sob a forma de seres espirituais. No início do seu livro, Pasqually nos diz que “antes do tempo, Deus emanou seres espirituais para a Sua própria glória, na Sua Imensidão divina” (Amadou, 2016, p.81). Os primeiros seres espirituais repartiram-se em quatro círculos: os espíritos superiores, os espíritos maiores, os espíritos inferiores e os espíritos menores. O conjunto destes quatro círculos formam a “quádrupla essência divina”. Cuidadosamente “camuflado”, Pasqually colocou o seu texto sob um véu, por forma a afastar aqueles que não estavam prontos para receber o conhecimento que ele contém.

A originalidade desta doutrina é porque incide sobre a análise de episódios da Queda, tentando esclarecer alguns pontos totalmente incompreensíveis e obscuros à inteligência comum. A explicação de Martinès concerne sobre o crime espiritual de Adão, o seu pecado, e a natureza do seu ato de prevaricação. A punição, infligida por Deus, é a determinação de finitude do Homem. A morte é, para si, uma forma de reparar o mal que fez e de se reconciliar com o Criador.

### **Bibliografia**

- AMADOU, R. (2016). Robert Amadou, *Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissance spirituelle divine : Martinès de Pasqually, Première édition authentique d'après le manuscrit de Louis-Claude de Saint-Martin établie et présentée par Robert Amadou*. Diffusion Rosicrucienne.
- AMADOU, R. (2017). *Les Leçons de Lyon aux Élus Coëns*. Dervy.
- BAADER, F. (1900). *Les enseignements secrets de Martinès de Pasqually*. Paris.
- BRIMONT, Renée (2016 [1931]). *Belle Rose*. Aux Cahiers Libres.
- COURTS, G. (2019). *Catéchisme des Élus Cohen selon le Chevalier Molinier*. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 29, 19-34.
- COUTINHO, J. (2012). Religião e outros conceitos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24, 171-193.
- DU BOURG, A. (1906). Le Chanoine Du Bourg et la Franc-Maçonnerie. *Revue des questions historiques*, 41(36), 499-512.
- FAIVRE, A. (1967a). Un martinésiste catholique, l'abbé Pierre Fournié. *Revue de l'Histoire des Religions*, 172(1), 33-73.

- FAIVRE, A. (1967b). Un martinésiste catholique : l'abbé Pierre Fournié (suite). *Revue de l'histoire des religions*, 172(2), 131-172.
- FRANCK, A. (2010 [1862]). Adolfo Franck, *La philosophie mystique en France à la fin du XVIII siècle : Saint-Martin et son maître Martinez Pasqualis*. Éditions de la Tarente.
- GOMES, P. (2009). *A filosofia hebraica-portuguesa, I – História da Filosofia Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> edição. Guimarães Editores.
- GUÉNIOT, P. (2020). Sur les traces de l'abbé Fournié à Londres. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 30, 63-73.
- NAHON, M. (2011). *Martinès de Pasqually: un énigmatique franc-maçon théurge du XVIII siècle, fondateur de L'Ordre des Élus Coëns*. Pascal Galodé.
- NAHON, M. (2018). Papus premier biographe de Martinès de Pasqually. In *Actes du colloque Papus* (pp. 73-94). Les Éditions de la Tarente.
- ORDRE MARTINISTE TRADITIONNEL (2020). *Section de l'Oratoire, Manuscrit 7. AMORC*.
- PAPUS [Gérard Encausse] (1899). *Martinésisme, Willermosisme, Martinisme et Franco-Maçonnerie*. Chamuel Editeurs.
- PAPUS [Gérard Encausse] (1988). *Martinès de Pasqually, sa vie, ses pratiques magiques, son œuvre, ses disciples, suivi des catéchismes des élus coëns*. Déméter.
- PERNETY, A.-J. (1758). *Dictionnaire mytho-hermétique*. Chez Bauche.
- RIJNBEEK, G. (1938). *Un thaumaturge au XVIII siècle, Martinès de Pasqually*. Derain-Raclet.
- ROSA, V. (2021). *Louis-Claude de Saint-Martin e o Martinismo: a vida, a ordem e a doutrina do Filósofo Desconhecido*. Edição de Autor.
- TELMO, A. (2013). *História Secreta de Portugal*. Zéfiro.